

Memórias de família: lembranças e afetos no Museu da Baronesa

Annelise MONTONE

Museu, um lugar para cuidar, expor, rememorar, contar histórias. Guardião da memória, pinça entre seus objetos preciosas imagens que abrigam o tempo, o espaço, seus significados e representações.

Antes uma residência, o antigo solar acolheu três gerações da família Antunes Maciel, desde o longínquo ano de 1864: a família do casal de barões, Amélia e Anibal, de sua filha Amélia (Dona Sinhá) casada com Lourival e a neta Déa.

Desde 1982, já propriedade do poder público municipal através de uma doação, abriga coleções que trazem representações de modos de vida, hábitos e relacionamentos da elite pelotense, que usufruía de um período de grande opulência econômica e cultural.

O imaginário das pessoas é motivado pelo próprio nome do lugar. Ao chegar ao Parque da Baronesa, espaço criado pelo Barão dos Três Cerros no século XIX, e aproximar-se da imponente casa com torreão, estátuas e janelas já marcadas pelo tempo, o visitante se questiona sobre quem haveria habitado as amplas salas, dormido nos quartos, utilizado objetos, mobílias, vestidos, chapéus e as fotografias, de quem são?

Entre os objetos doados pela família encontram-se móveis, objetos de uso pessoal, doméstico, documentos, livros de despesa, cartas trocadas entre mães, filhos e fotografias. Essas últimas, de diversos tipos e períodos, do século XIX à década de 60 do século XX, muitas sem datação ou referências, outras com dedicatórias afetuosas ou inscrições feitas por familiares com a intenção de lembrar nomes, parentescos, afetos. Algumas dessas fotos compõem o acervo desde 1982, outras foram recebidas como doação nos anos 90 do século passado.

Esse ato de tornar público, através da doação ao museu, possui um significado maior. Os objetos, documentos, fotografias, outrora pertencentes aos bisavós, avós ou pais, foram escolhidos com uma intenção, uma motivação, como uma homenagem, que leva a construir ou perpetuar essa representação da família no tempo. Ao serem expostas, essas relíquias, selecionadas para serem lembradas, provocam o ato de recordar, rememorar vivências e comportamentos.

As fotografias selecionadas para este ensaio mostram alguns personagens e relações familiares que estão presentes no Museu da Baronesa através de Dona Sinhá, filha da baronesa, aos doze anos (Fig. 1), aos dezenove anos na Corte (Fig. 2 - Rio de Janeiro/Outubro de 1888), e com seus seis filhos em abril de 1923 (num momento a família descontraída – Fig. 3 - e noutro em pose formal – Fig. 4). Os afetos se mostram explícitos e

sinceros no carinho das dedicatórias dos netos Mozart (Fig. 5) e Déa (Fig. 6), em fotos dirigidas à avó materna, Amélia, Baronesa dos Três Cerros, na década de 10 do século XX.

A coleção da Família Antunes Maciel, doada juntamente com a antiga residência, leva o pesquisador a refletir sobre o desejo memorial dessa e de outras famílias, que transpõem suas experiências e memórias do âmbito privado ao público.



Figura 1 - Dona Sinhá, Amélia, filha da Baronesa, aos 12 anos (1881).
Fonte: Acervo do Museu da Baronesa.



Figura 2 – Dona Sinhá, aos 19 anos (1888), fotografada no estúdio Carneiro & Tavares, na corte, Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo do Museu da Baronesa.



Figuras 3 e 4 – Dona Sinhá e Lourival com seus seis filhos, em 31 de março de 1923, 14 dias antes do casamento da filha Zilda, em uma das salas de visita do Solar da Baronesa. Fotógrafo L. Lanzettas.

Fonte: Fotos doadas por Zilda, neta dos barões, ao Museu da Baronesa.



Figura 5 – Em 1918, “A minha querida vovó, beijo e abraço com muita saudade, Mozart.” - Photographia C.Sintiche Pelotas.
Fonte: Acervo do Museu da Baronesa.



Figura 6 – “À querida vovó com muitos beijos da sua Déa”, em 1915 - Photographia C.Sintiche Pelotas.

Fonte: Acervo do Museu da Baronesa.